



Magdaleno, Renata. "Histórias de um mímico: Intersecção entre crítica literária e ficção em *Machado*, de Silviano Santiago".
Estudios de Teoría Literaria. Revista digital: artes, letras y humanidades, julio de 2023, vol. 12, n° 28, pp. 45-54.

Histórias de um mímico: Intersecção entre crítica literária e ficção em *Machado*, de Silviano Santiago

Stories of a mime: Intersection between literary criticism and fiction
in *Machado*, by Silviano Santiago

Renata Magdaleno¹

ORCID: 0000-0002-4267-6880

Recibido: 08/05/2023 || Aprobado: 04/06/2023 || Publicado: 14/07/2023

Resumen

Em 2016, o crítico e escritor Silviano Santiago lançou *Machado*. Na capa aparece a palavra romance, mas o livro é também um grande ensaio sobre os bastidores da crítica literária, suas intersecções com a ficção e os traços subjetivos por trás das análises. Este artigo analisa o romance *Machado*, de Silviano Santiago, comparando os dois momentos presentes na obra: a escrita de Machado de Assis, relacionada ao contexto do século XIX, e a de Silviano, marcada pelas transformações dos anos 2000, que afetam as produções literárias.

Palabras clave

Silviano Santiago; Machado de Assis; literatura contemporânea; textos híbridos.

Abstract

In 2016, critic and writer Silviano Santiago published *Machado*. The word novel appears on the cover, but the book is also a great essay on the background of literary criticism, its crosses with fiction and the subjective features behind the analysis. This article analyzes the publication, comparing two moments present in the work: the writing of Machado de Assis, related to the context of the 19th century, and that of Silviano, marked by the transformations of the 21st century, which affect literary productions.

Keywords

Silviano Santiago; Machado de Assis; contemporary literature; hybrid texts.

¹ Doutora em Estudos de Literatura pela PUC-Rio, pós-doutorado em Literatura pela Uerj. Atualmente, é professora substituta do departamento de Letras da Uni-Rio. Contacto: renata.magdaleno@gmail.com



“Tudo só vivido seria monótono; tudo só imaginado
seria cansativo”
(Santiago, 51)

Introdução

Machado (2016), romance escrito pelo crítico e escritor Silviano Santiago, começa com um encontro entre o narrador e um livro: a edição que trata das correspondências trocadas por Machado de Assis em seus quatro últimos anos de vida. Mas esse não é o único encontro que a obra promove. Narrador e autor se confundem no universo desse romance-ensaio-biografia, que se localiza em uma confluência imprecisa de gêneros. Autor e personagem também parecem se fundir, à medida que este misto de ficção e pesquisa se desenrola.

A solidão e a idade avançada os une desde o início. Ao falar dos últimos dias de Machado, Silviano reflete também sobre a consciência do envelhecimento, da finitude da vida. Depois de o livro comprado, o narrador leva o exemplar para casa e a leitura é feita em meio à rotina solitária, com a companhia de seu bicho de estimação e a xícara de café da manhã, refletindo sobre as mazelas que acompanham a terceira idade. Nas páginas da coletânea de cartas, o narrador se depara com um Machado também solitário, recém-viúvo, orientando as empregadas para que não tirassem nenhum móvel do lugar e mantivessem a rotina da casa exatamente como Carolina, sua esposa, costumava fazer. O autor está às voltas com o dia a dia do trabalho, a escrita de seus livros e as crises de epilepsia, presenciando um Rio de Janeiro que se transforma urbanisticamente. O mesmo Machado que vivencia também a mudança de regime político da Monarquia para a República, acompanhando os processos ativamente pelos jornais e, deixando transparecer sua visão crítica em textos e livros como *Esau e Jacó* (1904). Uma vida que segue em movimento diante de seus olhos, enquanto o seu corpo enfermo definha.

A doença é também personagem das páginas de *Machado* e é a partir dela (mas não apenas) que a relação entre vida e obra ocorre. A urgência, estabelecida pela consciência dessa enfermidade que não cessa de avançar, aparece como estímulo para a produção literária. Silviano tece, nas 418 páginas do romance, uma vasta pesquisa sobre a vida do autor, focando em seus últimos livros, lendo criticamente os romances que escreveu no período, e usando aspectos da vida do escritor e do Brasil do fim do século XIX e início do século XX para apresentar novas interpretações sobre a obra de um dos mais destacados autores brasileiros de todos os tempos, apontando ligações entre a vida do escritor e a ficção que produziu.

Mas, não podemos esquecer, *Machado* é um romance. Pelo menos, esta é a classificação que aparece escrita na capa. Mas é como se estivéssemos diante de entranhas. A edição é o avesso da produção de um romance, com toda a sua pesquisa exposta. É o avesso de um grande livro de crítica literária, onde as hipóteses do crítico aparecem como a ficção que permeia a história. Vemos esse narrador obcecado pelo Machado que encontra em sua correspondência, praticamente se unindo ao personagem que investiga, encontrando coincidências nos mais diversos detalhes.

Diante do formato híbrido, indefinido, o leitor reconhece a presença de duas épocas distintas aparecendo como pano de fundo: as andanças do Bruxo do Cosme Velho no fim do século XIX e início do XX e o caminhar do narrador em pleno século XXI. Machado de Assis aparece como um produto da modernidade, período de crença na ciência, nos tratamentos médicos, nos avanços tecnológicos e urbanísticos, sua história e sua ficção (mesmo com inovações estilísticas) se desenrolando de forma linear. O Silviano que aparece refletido na história a partir da figura do narrador é produto de outro tempo e chega recortado,

fragmentado, lançando dúvidas e possibilidades. A obra que produz, o próprio livro que temos em mãos, é uma mescla de ficção e realidade, reflexo de um período de incertezas e indefinição.

Tendências de uma época

Nós, leitores, ficamos sabendo desde o início que estamos diante de um texto que tem uma pesquisa histórica como base. Há detalhes sobre a vida política do Brasil no período, citações sobre as transformações urbanas que a cidade do Rio de Janeiro passou no início do século. Machado, sua trajetória, os livros que escreveu, os personagens que fizeram parte de sua vida aparecem retratados. Mas não é apenas isso. Uma série de imagens presentes no texto parecem querer comprovar o que está sendo dito. Na página 50, por exemplo, temos a foto da capa do livro, com a correspondência de Machado, que inspira o relato. Gravuras do Rio de Janeiro do século XIX e recortes de jornal também estão incluídos, como a notícia, publicada no dia 29 de setembro de 1908, no *O país*, sobre a gravidade da doença do escritor, tratada pelo ilustre médico Miguel Couto. Machado morreria no mesmo dia.

Mas a palavra romance escrita na capa desestabiliza todas as certezas. As ligações traçadas por um autor-narrador crítico literário entre a vida de Machado e as obras ficcionais que produziu aparecem descritas como hipóteses. Não podemos acreditar totalmente no que é dito. Há imaginação, repete o narrador ao longo da história:

No papel em branco, a boa distribuição de lágrimas, sentidas e sofridas pelo protagonista Machado, e de polcas imaginárias, lidas e forjadas pelo personagem Silviano, acaba por aquecer a alma da literatura com a variedade necessária do vivido e do imaginado, e assim realizar a instabilidade das massas, que a arte também comporta. (51-52)

Em “Transgredir o gênero”, Ana Cecília Olmos explora uma tradição da América Latina em ultrapassar os limites dos textos literários. Esta característica aparece cada vez mais constante entre os autores que publicaram a partir dos anos 2000, cujas experimentações e quebras de formatos fazem com que a identificação (afirmação categórica) de um texto literário se torne cada vez mais difícil. Mais do que uma tentativa de garantir liberdade à arte, como aparece constantemente em obras do modernismo, os textos que ela cita podem ser apontados como reflexos do contexto em que vivemos.

Mallarmé e suas experimentações são prova de que não é uma novidade observar uma literatura que desconstrói seus limites e aponta para múltiplas possibilidades. Mas a autora ressalta que está diante de textos que reforçam a literatura como uma arte ameaçada de extinção, por uma série de mudanças no contexto que afetam o fazer literário, como os avanços tecnológicos (que criaram, entre outras coisas, novos hábitos, interferindo nas formas de escrita e leitura), o surgimento de novas linguagens e imposições de um mercado cada vez mais competitivo. Diante de escritores que desconfiam dos próprios procedimentos que produzem e, por isso mesmo, desestabilizam certezas, defendendo a dúvida como única leitura constante em um momento de transformações profundas.

Olmos é uma das muitas pesquisadoras a estudar a explosão de textos híbridos na literatura contemporânea, realizando uma leitura crítica sobre estes, descortinando aspectos presentes no mundo de hoje, refletidos em textos de autores diversos. Há uma lista de teóricos da região que se dedicaram a estudar o assunto nas últimas duas décadas, como Josefina Ludmer, Florencia Garramuño, Reinaldo Laddaga e o próprio Silviano Santiago, autor de *Machado*.

Em *Espectáculos da realidade*, por exemplo, Reinaldo Laddaga destaca romances publicados no fim do século XX e início do século XXI que se aproximam mais a espetáculos, performances. São escritores que produzem como se já não fosse mais possível escrever como na modernidade, como se não estivessem mais dispostos a produzir representações de mundo, mas a construir dispositivos que revelem fragmentos deste novo cenário:

Estos son libros que se escriben en una época en que, por primera vez en mucho tiempo, no está claro que el vehículo principal de la ficción verbal sea lo impreso: en la época del Internet, de la televisión en cable, de la transmisión televisiva durante 24 horas, de la diversidad de lenguas en las pantallas (y en las calles también), de la extensión de las pantallas en todos los espacios, de la emergencia de un continuo audiovisual, una atmósfera de textos, visiones y sonidos que envuelve el menor acto de discurso. En estos universos contemporáneos, la letra escrita no está nunca enteramente aislada de la imagen (de la imagen en movimiento) y del sonido, sino siempre ya inserta en cadenas que se extienden a lo largo de varios canales. Esta es la literatura de una época en la cual un fragmento de discurso está siempre ya atravesado por otros. (173)

As transformações que a sociedade passa ao longo do século XX –a perda de força do Estado e das instituições, o declínio da ideia de um progresso contínuo trazendo benefícios para a sociedade, a fragmentação da identidade– instalam a insegurança e a incerteza no futuro. O desenvolvimento da tecnologia, que transforma a cultura em cibercultura, facilita o deslocamento e a troca de informações e costumes entre diferentes países, transformam as relações entre os indivíduos e as noções de tempo e espaço. O fortalecimento do capitalismo impregna os mais diferentes aspectos da vida. Todos estes fatores transformam a sociedade e aparecem refletidos nas produções literárias, no conteúdo, a partir da crítica e discussão de ideias, e/ou na adoção de novos formatos, híbridos, fragmentados. Laddaga percebe tais características refletidas em uma gama de produções literárias contemporâneas.

Como se, até meados do século passado, houvesse um ideal de literatura dirigido a um leitor solitário, que conseguiria desenvolver uma relação com o universo encontrado na leitura. As produções dos últimos anos, destacadas pelo autor, refletiriam a obsolescência da cultura moderna e a percepção de novas possibilidades, chegadas com um mundo que sofreu e ainda sofre transformações profundas. A velocidade dessa sociedade, impactada pelo bombardeio de informações vindas de diferentes mídias e o culto ao instantâneo, traria, por exemplo, uma estética do inacabado, como se não houvesse tempo de terminar de escrever e a urgência exigisse a publicação instantânea.

Machado se adéqua a este contexto. As entranhas da obra, como as hipóteses do crítico, transparecem como em um esboço de romance. A reflexão sobre a autoria, a mistura entre realidade e ficção, a instauração da incerteza no leitor são características que já apareciam em obras anteriores de Silviano, mas no romance parecem radicalizadas. Em *Em liberdade*, por exemplo, o autor encarna Graciliano Ramos. Perseguido pela ditadura de Getúlio Vargas, Graciliano é preso político em 1936 e permanece por quase um ano na prisão. Suas experiências durante este período e as personalidades que conheceu estão retratadas em um dos clássicos do autor: *Memórias do Cárcere*, publicado postumamente em 1953. Mas Graciliano nunca escreveu sobre seus primeiros momentos em liberdade. É isso o que Silviano faz, cerca de 40 anos depois, desenvolvendo o diário do escritor, imitando o estilo do autor, contando os primeiros três meses fora do cárcere. A iniciativa traz a ideia da criação de algo novo a partir da cópia de um estilo, da apropriação de uma história. Uma obra que já vem marcada pelo conjunto heterogêneo de características do pós-modernismo e que é considerada pela crítica universitária marco inaugural da prosa pós-modernista brasileira:

Se há um contexto pós-modernista nos anos 70 e se há elementos pós-modernistas em textos de prosa ficcional brasileira publicados antes dos 80, não há dúvida que no *Em Liberdade* encontramos um conjunto muito mais claro do que seria uma proposta pós-modernista. (Moriconi, “A problemática” s/p)

No diário ficcionalizado de Graciliano, porém, Silviano começa a obra com uma nota explicativa destinada ao leitor, esclarecendo que um pacote, contendo os originais do livro, havia sido endereçado a ele, com a indicação de que só fosse publicado depois de vinte e cinco anos de morte do autor. A explicação reforça a ficção.

Em *Machado*, o jogo entre real e ficção se estabelece de outra forma. A incorporação do escritor é feita aos olhos do leitor:

Ao caminharem aleatoriamente pelo caminho trilhado pelo fantasma de Machado de Assis nos quatro últimos anos de vida, as fantasmagorias do narrador deste livro sobrepõem o dia e mês em que nasço em 1936, 29 de setembro, ao dia e mês em que morre o grande escritor em 1908, 29 de setembro. O narrador sobrepõe o personagem nascido numa distante cidade interiorana de Minas Gerais ao protagonista morto na capital federal do Brasil. Na aposta sobre o futuro da literatura no século XXI, a sobreposição desencontrada dos dois corpos e das duas vidas, o desembestado e atrevido encontro das duas sensibilidades é armado pelo jogo de dados do Acaso e sinaliza como dia natural para toda reencarnação de Machado de Assis o penúltimo do mês de setembro. (52)

Machado, personagem do romance de Silviano Santiago, renasce, assim, aos olhos do leitor. Em *Em liberdade*, Graciliano já aparece na primeira página inteiro. Em *Machado*, assistimos à metamorfose acontecer. É como se estivéssemos diante de um produto inacabado, publicado “antes da hora”, antes que uma edição limpasse os comentários do autor e escondesse as andanças do pesquisador e do crítico literário.

No texto “Circuitos contemporâneos do Literário”, Ítalo Moriconi relembra a obsessão pelo real na arte contemporânea destacada por Hal Foster no já clássico *O retorno do real*, que fez com que os artistas, a partir de meados da década de 60, passassem a se preocupar com estudos antropológicos, de arquivo, etnográficos, históricos. Moriconi acrescenta que, na ficção contemporânea, essa preocupação com o real aparece marcada constantemente pelo traço autobiográfico, revelando a presença do autor na feitura da ficção:

Eu diria que o traço marcante na ficção mais recente é a presença autobiográfica real do autor empírico em textos que por outro lado são ficcionais, emoldurados ou empacotados ou marqueteados como “romances”, “novelas”, “contos”. (...) Se na esfera pública clássica, pré-midiática, o autor era um “ser de papel” (como dele disse Barthes), ser virtual no sentido original da palavra virtual e não no sentido de virtual *on line*, hoje esse autor está disponível para apresentar seus materiais de trabalho, de tal maneira que a esfera do específico estético incorporou o making of como elemento de consideração. (“Circuitos” 161)

Nesse processo, o jogo da literatura, a construção da ficção, aparece revelado. Como no trecho citado acima, em que o autor-narrador Silviano se apresenta como a reencarnação de Machado de Assis. Afinal, é ele quem constrói o protagonista de sua história. Revelar as entranhas do jogo ficcional é também adaptar a característica machadiana de conversa com o leitor ao ambiente contemporâneo:

Viria do privilégio concedido à recepção da obra artística pelo leitor a necessidade obsessiva que tem a prosa machadiana de trazer a figura do leitor ou da leitora para o palco do livro. O narrador de Machado está sempre a dialogar com quem o lê. Em cena aberta e em diálogo com o narrador, em corpo a corpo sedutor e piscar de olhos maroto, ele leitor ou ela leitora estão para sempre seduzidos, conquistados ou derrotados. (364)

Silviano-narrador também dá suas piscadelas ao leitor ao longo da história.

Entre o pensamento crítico e a ficção

Em “Literatura Latino-americana e novas cartografias”, Olmos estende a reflexão da mescla entre os gêneros para a crítica literária. No artigo, ela explora o que aponta como uma tendência na região, escritores que, nos últimos dez anos, escreveram ensaios refletindo sobre a própria literatura, questionando diversas temáticas ligadas à escrita e, dessa forma, flertando com uma área destinada aos críticos. Autores que, misturando experiências pessoais ao relato, refletiram sobre o lugar do escritor latino-americano na região dentro de um mundo globalizado e conectado:

Da inesgotável variedade de temas que podem ser abordados no ensaio, os autores de ficção privilegiam a literatura. Nessas páginas, os escritores podem desdobrar o comentário de um livro, explicitar as preferências literárias, manifestar as tomadas de posição nos debates culturais ou, inclusive, confessar, não sem uma dose de perplexidade, os rituais do próprio processo criativo. (“Literatura” 45)

A tendência dos escritores de pensar criticamente a literatura em suas produções representa uma flexibilidade de fronteiras entre textos críticos e ficcionais. Ao analisar os circuitos literários contemporâneos, o mercado (representado pelas editoras), o midiático (composto pelos meios de comunicação e as novas possibilidades de divulgação e conexão com leitores apresentadas pela internet e as redes sociais) e o acadêmico (dos críticos e acadêmicos), Moriconi defende que os dois primeiros acabaram por levar a academia a repensar os seus formatos e os pilares que regem o pensamento crítico.

No campo comercial, afirma o autor, a literatura chegou ao início do século XXI com força, resistindo à concorrência midiática das novas tecnologias:

Por paradoxal que possa parecer, neste nosso início de século, a literatura tanto como fato de mercado quanto como fetiche (ou valor) ideológico permanece suficientemente viva para motivar a formação de novos e mais poderosos conglomerados editoriais (como os espanhóis), sustentar a proliferação de prêmios literários em todos os quadrantes do globo (faz parte da própria dinâmica do mercado identificar, dentro da literatura, aquilo que seria promessa ou concretização de “alta” literatura), assim como viva o suficiente para produzir fenômenos de sucesso de leitura massificada em escala global, em níveis variados de exigência intelectual – de Paul Auster a Gabriel Garcia Marquez, de Harry Potter a V.S. Naipaul. (“Circuitos” 149)²

² No dia 26 de abril, de 2023, a jornalista e escritora Martha Batalha publicou uma crônica no jornal *O Globo* que enaltece o momento da literatura brasileira. Para ela, apesar da crise que assolou o mercado literário durante a pandemia de COVID, em 2023, alguns autores nacionais passaram a lotar livrarias e viver de suas produções,

Mas, ele reforça, no campo acadêmico, a literatura passa por revisões. O “novo” panorama abala conceitos fundadores da crítica literária. O distanciamento entre estes dois campos, o comercial e o acadêmico, gerou uma série de reflexões e pesquisas sobre novos formatos:

Na disputa pelo poder de nomear, ao longo do século recém-terminado, a universidade arrogou-se o direito último de determinar o que seria a literatura. Havia de um lado o mercado e, diante dele, o pensamento universitário *in denial*, voltado para si próprio, ancorado na força do Estado e num contexto de centralidade pedagógica do literário. Hoje a universidade encontra-se face a face com o mercado e é lícito perguntar o que significa “conhecimento” nas ciências humanas numa era da informação. Face a face com o mercado, numa época em que este, midiático, tem a sua própria e poderosa *paideia*. (“Circuitos” 151)

Observar a atuação da crítica literária acadêmica no Brasil ao longo do século XX é perceber como o contexto de cada período foi interferindo nos textos críticos. Em *Papéis colados*, Flora Süssekind traçou um panorama da atuação crítica no período, marcando a entrada do pensamento acadêmico no setor. O início do século, momento em que Machado de Assis ainda circulava pelas ruas cariocas, foi marcado pela presença de críticos literários impressionistas, sem formação, desfiando suas opiniões e escrevendo suas impressões pessoais sobre as obras. A prática era chamada de crítica de rodapé, já que os textos eram publicados na parte inferior de algumas páginas de periódicos do período. Os leitores se acostumaram com uma crítica que funcionava quase como uma orientação de leitura, com uma preocupação de formar o gosto do público pela “boa” literatura.

O cenário muda drasticamente ao longo dos anos, com o pensamento desenvolvido nas universidades ganhando força, copiando as correntes críticas da Europa, e contaminando o espaço antes destinado à crítica impressionista. Os textos se tornavam pouco acessíveis, difíceis de serem consumidos pelo leitor comum e mais voltados a um público especializado de pesquisadores.

Em *Crítica Cult*, Eneida Maria de Souza detecta o quanto essa transformação coloca a crítica em um pedestal. Mas o surgimento de um mercado editorial cada vez mais acirrado, no fim do século XX, e a influência dos meios de comunicação fazem com que estes textos se tornem mais acessíveis, com formato de ensaio. De certa forma, a crítica acadêmica cede à pressão do mercado e de um público que se acostuma a leituras rápidas, bombardeado pelo enorme conteúdo informacional que se intensifica com a chegada da internet.

Nos anos 2000, a crítica deixa de ter um suporte definido: artigos acadêmicos, veículos especializados e suplementos semanais nos grandes periódicos, e passa a se mesclar com outras áreas. Não faltam exemplos de escritores que publicam livros em que a ficção está mesclada a um pensamento crítico voltado à literatura, como, por exemplo, Ricardo Lísias, João Gilberto Noll, Paulo Scott e Julian Fuks. As editoras recorrem a booktubers, que voltam a apostar na crítica impressionista (como as do início do século XX) e atraem milhares de seguidores, acostumados à linguagem dinâmica das redes e à procura de uma espécie de “autenticidade”, de proximidade com aquele que expõe os seus gostos.

O movimento procura democratizar o pensamento crítico, que perde a noção de verdade de um discurso “científico”, tão presente nos textos desenvolvidos por acadêmicos nas décadas de 60 e 70. Nesse terreno, da mescla de gêneros e da incorporação do pensamento crítico à ficção, Silviano Santiago aparece como uma referência. Acadêmico de formação,

aspecto raríssimo em toda a história da literatura no Brasil: “Autores nacionais estão vendendo livros. Muitos, demais, além da conta, a ponto de poder pagar as contas e viver da escrita. Parece que o país acordou” (s/p).

personalidade marcante nas universidades brasileiras, o escritor produziu romances e contos, onde, muitas vezes, reflexões autobiográficas aparecem mescladas à ficção e a uma análise crítica da literatura. É possível encontrar exemplos dessa prática no romance *O falso mentiroso* e na coletânea de contos *Histórias mal contadas*.

Em relatos ficcionais aparecem discussões que estão presentes também em textos teóricos do autor e que refletem sobre a literatura e a cultura latino-americana. No clássico ensaio “O entrelugar do discurso latino-americano”, Silviano cunha o conceito do entre-lugar, um desdobramento de discussões modernistas, falando dessa contribuição do latino americano, uma mescla de influência externa com aspectos internos, marca do multiculturalismo que se evidencia a partir do fim do século XX e que aparece como uma valorização da cultura e contribuição da região.

Em *Machado*, Silviano apresenta uma resposta a perguntas que se impõem sobre os novos rumos da crítica literária diante de um mundo em transformação. Um texto que assume a ficção inerente às hipóteses que constrói. Não há verdades absolutas, mas suposições baseadas em uma vasta pesquisa. Silviano apresenta uma forte ligação entre a vida do autor, o contexto em que viveu e os personagens e as histórias que produziu.

Mas, na capa, não podemos esquecer, a palavra em destaque é romance.

Romance às avessas ou considerações finais

Lançado no fim do ano de 2016, *Machado* está entre os livros mais emblemáticos para a reflexão sobre a mescla entre a ficção e o pensamento crítico. Enquanto fala do escritor, Silviano também se coloca, aparece como pesquisador em atuação e é como se, ao discorrer sobre o fim da vida do autor, estivesse também falando do fim de sua própria vida. Vemos Silviano, narrador, autor e personagem de seu próprio romance, desenvolvendo suas teorias, fazendo associações entre a vida de Machado e sua obra, investigando o contexto de uma época dentro de textos clássicos como *Memorial de Aires*.

O mergulho na vida do escritor do século XIX ainda faz com que ele se funde ao personagem que pesquisa, se imagine uma reencarnação do Bruxo do Cosme Velho. Silviano nasceu no mesmo dia em que morreu Machado de Assis, 29 de setembro. Machado morre em 1908, o crítico e romancista nasce em 1936. Coincidências vão estreitando a trajetória dos dois, até que crítico e escritor se confundam em uma única pessoa.

No romance, Silviano vira também personagem e, ao longo das páginas, convive com Machado. Nunca deixamos de sentir sua presença, a figura do crítico, ao longo do romance e, dessa forma, é como se estivéssemos diante dos bastidores dessa escrita. Ficção, pesquisa e pensamento crítico se contaminam e convivem, aparecem na superfície para o leitor. Notamos que o pensamento crítico se alimenta da ficção, precisa que ela exista para preencher as lacunas dos fatos e, assim, criar suas teorias.

Para que o Bruxo do Cosme Velho ganhe vida, ficção, pesquisa e análises críticas precisam caminhar juntas. E, para que esse resultado aconteça, Silviano se bota em seu lugar, para tentar reviver e desvendar seus últimos anos de vida.

Uma das imagens exploradas por Silviano é apresentar o autor como um mímico, aquele que está sempre escrevendo através de metáforas. O crítico vai seguindo essa trilha, analisando personagens que conviveram com o escritor, acontecimentos históricos da época e revelando a forma como estes aparecem retratados em seus romances, como *Esau e Jacó*.

A história dos gêmeos Pedro e Paulo, brigando desde a barriga, com personalidades antagônicas, um monarquista e o outro republicano, mas apaixonados pela mesma mulher, com o mesmo objetivo em mente, revela os dois lados de uma moeda que, apesar de aparência distinta, têm mais semelhanças do que diferenças. Uma crítica à transição do regime

monárquico para o republicano. Em *Memorial de Aires*, no diário íntimo do Conselheiro Aires, discussões sobre a abolição da escravatura estão presentes, mas também é possível ver a sombra de Carolina, esposa de Machado, nas personagens femininas dos dois romances.

Outra linha de interpretação que perpassa todo o livro é a importância da doença, dos ataques de epilepsia, para a obra do escritor. Como se a sombra da morte, do fim eminente, da luta travada desde sempre, fossem estímulo para a arte. Uma arte que perdura, enquanto o corpo pouco a pouco definha:

A doença que cresce e vai devastando o ser humano por toda a vida é a principal responsável pela busca da imortalidade a ser alcançada pela obra de arte construída em independência da dor inafiançável e da exclusão educada do artista pelos companheiros e pelos pares. (32)

Ao falar do tratamento seguido pelo escritor e prescrito pelo Dr. Miguel Couto, que acelera o fim e traz efeitos colaterais devastadores, Silviano repete estratégias marcantes da escrita de Machado de Assis. Interrompe a história para um dedo de prosa com o leitor. Na ficção que constrói talvez fosse possível avisar, voltar no tempo, alertar Machado de que o melhor seria não seguir as prescrições médicas.

É através da doença também que o crítico traça uma linha ligando a trajetória de Machado a do escritor francês Gustave Flaubert, também ele sofrendo com as crises epiléticas constantes ao longo da vida. Entrevistado pela historiadora Lilia Schwarcz, em 2016, Silviano afirma que Machado exemplifica em sua obra o valor da arte produzida na América Latina, aproximando o Brasil dos países hispano-americanos pelo passado colonial e pela ideia da cópia de modelos estrangeiros.

A aproximação se justifica porque, para muitos leitores do século XIX, Machado, em *Dom Casmurro* (1899), parecia apenas copiar a trama de Flaubert em *Madame Bovary* (1856), usando a mesma estrutura clássica do triângulo amoroso. Parecia se inspirar também em romances já consagrados, como *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz. O crítico, porém, defende o lado híbrido do Bruxo.³ A estrutura realista da narrativa dá lugar a um relato em primeira pessoa. É Bentinho quem narra a infidelidade da esposa e, desta forma, lança a dúvida ao seu discurso, abre sua narrativa à discussão. Temos uma obra original, portanto, levantando a outras reflexões.

Em *Machado*, vemos este hibridismo do Bruxo escancarado, já que o autor faz questão de exaltar como as influências transparecem na obra do escritor. O *mímico* nunca revela na ficção suas referências. Há uma mescla de real e ficção dentro de sua obra, que entrega um produto híbrido no final, apresenta algo novo nessa mistura. Como uma metáfora, nunca um sinônimo, uma cópia exata, mas uma imagem nova que leva a pensar.

Ao escancarar as entranhas da escrita e da pesquisa, Silviano não apenas revela o quanto Machado mesclava ficção e realidade, mas repete o feito, nos moldes, porém, de uma literatura desenvolvida em outro contexto. A palavra romance, na capa do livro, parece ter sido escolhida para ressaltar a presença da ficção ao longo da obra. *Machado* é um romance, mas o livro é também um grande ensaio sobre os bastidores da crítica literária, suas intersecções com a ficção e os traços subjetivos por trás das análises.

³ Neste sentido, Machado de Assis poderia exemplificar a teoria que Silviano Santiago desenvolve em “O entregar do discurso latino-americano” (2019).

Trabalhos citados

- Assis, Machado. *Dom Casmurro*. Panda Books, 2019.
- _____. *Esaú e Jacó*. Via Leitura, 2021.
- _____. *Memorial de Aires*. Martin Claret, 2023.
- Foster, Hal. *O retorno do real*. Ubu Editora, 2017.
- Batalha, Martha. “O grande momento da literatura brasileira”. *O Globo*, 26 de abril de 2023, <https://oglobo.globo.com/cultura/martha-batalha/noticia/2023/04/o-grande-momento-da-literatura-brasileira.ghtml>
- Garramuño, Florencia. *Frutos estranhos*. Rocco, 2014.
- Laddaga, Reinaldo. *Espectáculos de realidad: Ensayo sobre la narrativa latinoamericana de las últimas dos décadas*. Beatriz Viterbo, 2007.
- Magdaleno, Renata. *Uma crítica que se quer literatura*. Papéis Selvagens, 2019.
- Moriconi, Italo. “A problemática do pós-modernismo na literatura brasileira”. *Cadernos da ABF*, vol. 3, nº1, março 2004, s/p. <http://filologia.org.br/abf/volume3/numero1/02.htm>
- _____. “Circuitos contemporâneos do literário”. *Gragoatá*, n. 20, 2006, pp. 147-163.
- Olmos, Ana Cristina. “Literatura latino-americana e novas cartografias (a perspectiva dos escritores)”. *Literatura e Sociedade*, v. 17, nº 16, 2012, p. 44-53. <https://www.revistas.usp.br/lis/article/view/64567>
- _____. “Transgredir o gênero: políticas da escritura na literatura hispano-americana atual”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 38, 2012, p. 11–21. <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9770>
- Santiago, Silviano. *35 ensaios de Silviano Santiago*. Companhia das Letras, 2019.
- _____. *Em liberdade*. Rocco, 1981.
- _____. *Histórias mal contadas*. Rocco, 2005.
- _____. “Literatura - Silviano Santiago - Entrevista - Canal Futura”. Entrevista de Lilia Schwarcz. *Youtube*, 18 de abril de 2016, https://www.youtube.com/watch?v=o_nUJaO6uF4
- _____. *Machado*. Companhia das Letras, 2016.
- _____. “Meditação sobre o ofício de criar. Palestra apresentada no Rio de Janeiro”. *Revista Aletria: revista de estudos de literatura*. v.18, jul./dez. 2008, p.173-179.
- Souza, Eneida Maria. *Crítica Cult*. Editora UFMG, 2002.
- Süssenkind, Flora. *Papéis colados*. Editora da UFRJ, 2003.